

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
4.º VOLUME



*PORTUGUÊS, ESCRITOR,
45 ANOS DE IDADE
OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO
TRÊS QUADROS DE REVISTA
O PUNHO
[POSFÁCIO]*



ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIZ FRANCISCO REBELLO

CAMINHO

Título: Obras Completas — 4.º volume

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

**Orientação gráfica: Secção Gráfica
da Editorial Caminho**

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho**

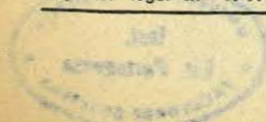
**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SA
Lisboa, 1987**

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Dezembro de 1987

Depósito legal n.º 17 776/87



BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
4.º VOLUME



*PORTUGUÊS, ESCRITOR,
45 ANOS DE IDADE*
OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO
TRÊS QUADROS DE REVISTA
O PUNHO
[POSFÁCIO]



*Organização, posfácio e notas
de Luiz Francisco Rebello*

CAMINHO

TRÊS QUADROS DE REVISTA

Em 1974, Bernardo Santareno foi convidado por César de Oliveira, Rogério Bracinha e Ary dos Santos para colaborar na revista *P'ra Trás Mija a Burra*, que viria a estrear-se no Teatro ABC em 31 de Maio de 1975. Para essa revista Santareno escreveu quatro textos, dos quais um, *O Senhor Silva*, não foi utilizado, sendo mais tarde incluído no espectáculo colectivo do grupo *A Barraca Ao Qu'isto Chegou* com o título *Na Berma do Caminho*, e publicado em 1979 no volume *Os Marginais e a Revolução*, com o título *Monsanto*. Os três restantes, inéditos até agora, foram interpretados, naquela revista, por Vera Mónica e Joel Branco (*Os Vendedores de Esperança*) e Ivone Silva (*A Guerra Santa* e *O Milagre das Lágrimas*, fundidos num só quadro).

Os vendedores de esperança

Praça da aldeia onde se representou a Abertura. Domingo. Homens e Mulheres conversam. Entra ZÉ ESPERANÇA com uma saca amarela às costas, logo seguido por MARIA ESPERANÇA. Vêm bizarramente vestidos: meio hippy, meio clowns, com algo de jograis antigos. Roupas velhas e remendadas com enfeite de fitas coloridas e vistosas, guizos, etc.

A sua representação será muito viva, assentando sempre num rápido jogo fisiológico e corporal, meio vicentino, meio commedia dell'arte. As pessoas da aldeia olham para eles, primeiro com espanto, depois chocarreiros.

ZÉ ESPERANÇA (*deixando cair o saco no chão — pi-rueta, toque de caixa circense*): Eu cá sou o Zé Esperança e esta é a minha mulher, a Maria Esperança! Chamo-me Esperança porque nasci em Lisboa, no Bairro da Esperança, porque já o meu avô que nasceu com a República era Esperança e porque... vendo esperança! Vendo ou dou. Quem não puder não paga nada. E ela é Esperança, porque é a minha mulher, porque faz comigo o negócio da Esperança e porque anda de esperanças! Já se nota um bocadinho, não nota?

MARIA: Já se nota a esperança que eu trago cá dentro! Corremos Portugal de ponta a ponta e até já estivemos nos estrangeiros de fora. Isto, é claro, antes do 25 de Abril...